OPINIÃO

Resolução do BC cria corrida tecnológica para instituições financeiras

Rafael Brych (*)

Nas agendas de diretoria de bancos, fintechs, instituições de pagamento e sociedades de crédito, uma data passou a organizar as discussões de tecnologia e compliance: 31 de dezembro de 2026.

É o prazo final para a plena adequação à Resolução Conjunta nº 18, editada pelo Conselho Monetário Nacional e pelo Banco Central em 28 de novembro de 2025 e em vigor desde 1º de janeiro de 2026.

A norma obriga todas as instituições autorizadas a funcionar pelo regulador a elaborar, implementar e manter uma Política de Qualidade das Informações, e o que parecia um horizonte confortável no início do ano se converteu, na virada do semestre, em uma janela estreita de execução.

A leitura apressada da norma costuma reduzi-la a mais uma exigência documental, e é exatamente aí que mora o risco. O texto determina que a política identifique atribuições e responsabilidades das áreas envolvidas, inclusive da alta administração, e que a arquitetura de dados e a infraestrutura de tecnologia da instituição sejam capazes de sustentar as exigências de reporte, mesmo em situações adversas.

Na prática, o regulador quer poder perguntar de qualquer número reportado: de qual sistema esse dado saiu, por quais transformações passou, quem respondia por ele em cada etapa e qual evidência comprova sua consistência. Isso tem nome técnico, rastreabilidade ponta a ponta, ou data lineage, e não se resolve com uma política bem redigida guardada na intranet.

Qualidade de dados ainda é uma lacuna

O tamanho do desafio fica mais claro quando se observa o ponto de partida do setor. Segundo o estudo de maturidade em gestão de dados da consultoria BLR DATA, que analisou 30 avaliações realizadas desde 2020 em uma escala de um a quatro, bancos e fintechs registraram média de 1,51, índice classificado como Reativo e inferior à média de 1,65 dos demais setores avaliados.

O resultado desmonta a percepção de que o setor financeiro, por ser intensivo em informação e altamente regulado, já operaria com governança de dados madura. Boa parte das instituições ainda trata o dado de forma reativa, corrigindo o erro depois que ele aparece no reporte, quando a lógica da Resolução Conjunta nº 18 exige justamente o contrário: controle na origem, documentação das transformações e tratamento de causa raiz.

O paradoxo é que essa lacuna convive com o maior orçamento de tecnologia do setor privado brasileiro. De acordo com a Pesquisa Febraban de Tecnologia Bancária 2026, realizada pela Febraban em parceria com a Deloitte em sua 34ª edição, os bancos devem investir R$ 50,4 bilhões em tecnologia neste ano, alta de 8% sobre 2025, com cibersegurança apontada como prioridade por 100% das instituições e nuvem e inteligência artificial por 84%.

Investe-se muito, e cada vez mais em inteligência artificial, mas a base de dados que alimenta esses investimentos segue, em média, sem catálogo estruturado, sem linhagem documentada e sem regras de qualidade auditáveis. A Resolução Conjunta nº 18 força o setor a encarar essa dívida técnica com data marcada.

Projetos fracionados criam gargalo de execução na reta final

Diante do prazo, o movimento natural de muitas instituições é acionar o modelo tradicional de projeto: contratar uma consultoria para desenhar a política e os processos, abrir uma concorrência separada para adquirir ferramentas de catálogo e linhagem de dados e destacar a equipe interna para implementar tudo, acumulando essa missão com a operação do dia a dia.

Esse arranjo funcionava quando havia dois ou três anos de horizonte, mas se torna um gerador de gargalos quando restam poucos meses. Cada transição entre consultoria, fornecedor de software e time interno cria uma fronteira na qual o conhecimento se perde, o cronograma se estica e a responsabilidade se dilui.

Nesse processo, a consultoria entrega um diagnóstico e um desenho de processos tecnicamente corretos, mas desconectados das ferramentas que serão compradas depois. A ferramenta chega e exige meses de configuração, integração com sistemas legados e conectores que ninguém mapeou na fase de diagnóstico.

A equipe interna, pressionada pela operação corrente, vira o gargalo final, e a instituição chega a dezembro com uma política aprovada pelo conselho, um software licenciado e uma rastreabilidade que existe no papel, mas que talvez não resista ao dia a dia.

Esteira integrada de execução reduz o risco regulatório

O caminho com maior probabilidade de sucesso na reta final passa por tratar a adequação como uma esteira única de execução, na qual metodologia de governança, tecnologia de data lineage e capacidade de implementação operam sob o mesmo comando e o mesmo cronograma.

Esse formato muda a matemática do prazo. Squads dedicados de dados eliminam a disputa de agenda com a operação corrente, que é a causa mais comum de atraso em projetos regulatórios. Plataformas modernas automatizam o mapeamento de origem e transformação dos dados, tarefa que consumiria meses se feita manualmente, planilha a planilha.

E a integração entre metodologia e tecnologia evita o retrabalho clássico de redesenhar processos porque a ferramenta escolhida depois não os comporta. A conformidade deixa de ser um evento de entrega em dezembro e passa a ser construída de forma incremental, com marcos verificáveis ao longo do semestre, o que também reduz o risco da instituição descobrir tarde demais que não vai chegar.

Em resumo, a Resolução Conjunta nº 18 vai separar as instituições que trataram a qualidade dos dados como fundação da sua operação daquelas que a trataram como entregável de projeto, e essa distinção ficará visível para os gestores, para o mercado e para os investidores muito antes de 31 de dezembro.

(*) Diretor de Ecossistema da Selbetti Tecnologia.

Ataques de drones estão levando os russos à instalação de data centers subterrâneos

Os drones estão mudando a face da guerra: empresas de tecnologia da Rússia estão tomando medidas para proteger seus data centers após ataques de drones ucranianos atingirem instalações estratégicas e causarem interrupções em serviços digitais.

Vivaldo José Breternitz (*)

Dragos_Negoitas-Images_CANVA



Entre as soluções estudadas está a transferência de centros de dados para estruturas subterrâneas, incluindo minas desativadas.

A preocupação aumentou após ataques realizados em outubro passado terem causado danos a data centers de grandes empresas de TI, como Yandex, Sberbank e VKontakte. Tentando diminuir o impacto de novos ataques, o presidente Vladimir Putin também determinou que operadores de data centers reservem 10% de sua capacidade para uso emergencial e autorizou, em casos específicos, o uso de infraestrutura localizada fora do país.

A medida representa uma mudança significativa para a Rússia, que vinha restringindo o uso de serviços de nuvem estrangeiros nos termos de sua política de soberania digital, que pretende controlar, regular e proteger sua infraestrutura, dados, software e hardware sem ficar dependente de interesses de outras nações ou de grandes empresas de tecnologia.

Os ataques expuseram a vulnerabilidade do modelo russo, altamente centralizado em poucas empresas e instalações. A Yandex, por exemplo, precisou transferir seus três principais supercomputadores após ataques contra os data centers que os abrigavam.

Em contraste, a Ucrânia tem demonstrado maior resiliência digital ao descentralizar infraestrutura crítica e migrar sistemas governamentais para serviços de nuvem em outros países europeus, com apoio de empresas como Amazon e Microsoft. As forças armadas do país utilizam a rede de satélites Starlink como ferramenta de comunicação.

Esses fatos confirmam que o uso de drones transformou profundamente a natureza dos conflitos armados no século XXI, redefinindo estratégias e a dinâmica dos campos de batalha.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor, diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas e pesquisador colaborador da Faculdade de Medicina de Jundiaí – vjnitz@gmail.com.

HP leva impressora gigante ao Aeroporto de Congonhas e transforma fotos em lembranças na hora

A HP leva ao Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, uma ativação com a HP Smart Tank 589, que convida passageiros a transformarem momentos da viagem em lembranças impressas. Até dia 29 de novembro, quem passar pela área livre do térreo poderá registrar uma foto em um totem interativo e receber gratuitamente a imagem impressa na hora.

A experiência reúne uma versão gigante da HP Smart Tank 589 e um totem fotográfico interativo. Para participar, basta procurar a equipe responsável pela ativação, posar para a foto e confirmar a impressão. Em poucos instantes, o passageiro recebe o registro impresso para levar consigo.

"Hoje, registramos grande parte dos nossos momentos pelo celular, mas há algo especial em transformar uma foto em uma lembrança que podemos tocar, guardar ou compartilhar com alguém. Com essa experiência, queremos mostrar de forma simples e próxima como a impressão pode dar uma nova dimensão a esses registros e fazer com que momentos do dia a dia ganhem um lugar também fora das telas", afirma Beatriz Tolezano, gerente de marketing da HP no Brasil.

A HP Smart Tank 589 é uma impressora multifuncional com sistema de tanque de tinta, desenvolvida para quem busca praticidade e alto volume de impressão no dia a dia. O modelo conta com conectividade Wi-Fi e permite imprimir diretamente de dispositivos móveis. Com as garrafas de tinta inclusas na caixa, oferece capacidade para imprimir até 4 mil páginas em preto e 6 mil páginas coloridas.

DivulgaçãoHP Inc



A produção, operação e execução da ativação são realizadas pelo Grupo Four Midia Em Foco (https://www.hp.com/br-pt/home.html).

NEWS@TI

RICARDOSOUZA@NETJEN.COM.BR

BitGo lança a divisão Global Markets para ampliar sua oferta para o mercado institucional

@A BitGo, empresa de infraestrutura de ativos digitais, acaba de anunciar o lançamento da BitGo Global Markets, sua nova divisão de negociação e soluções financeiras para o mercado institucional. A unidade integra liquidez global, execução, financiamento, derivativos e liquidação (settlement) em uma única estrutura. A Global Markets combina o braço de negociação institucional da BitGo e a oferta de Prime Services a uma expertise ampliada em derivativos, gestão de garantias (collateral management) e finanças estruturadas. Apoiada na infraestrutura proprietária da companhia, a nova vertical atende instituições que precisam operar em grande escala, acessar capital e gerir sua exposição ao mercado cripto com maior sofisticação (www.bitgo.com).

Razer lança as cadeiras Razer Soma Pro e Soma Sensa HD Haptics

@A Razer, marca líder mundial em estilo de vida para gamers, acaba de anunciar a Razer Soma Pro e a Razer Soma Sensa HD Haptics, duas cadeiras gamer que contam com conectividade sem fio e tecnologia háptica para os usuários. A Soma Pro também reúne THX® Spatial Audio e Razer Chroma™ RGB para proporcionar uma experiência de imersão ainda mais completa. Após a estreia da Soma Chroma, primeira cadeira gamer da Razer com iluminação RGB, a Soma Pro e a Soma Sensa HD Haptics completam uma linha desenvolvida em torno de uma ideia: a imersão evoluiu com os avanços visuais e sonoros, mas as cadeiras não acompanharam esse progresso. Os dois modelos transformam o assento em uma parte ativa de cada sessão (https://www.razer.com/gaming-chairs/razer-soma-pro).

Empresas & Negócios

José Hamilton Mancuso (1936/2017) | **Laurinda Machado Lobato (1941-2021)** | **José Leonil Lobato (1939-2026)**

Responsável: **Lilian Mancuso**

Editorias
Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/
Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes

ISSN 2595-8410

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.